

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Suplício do Papai Noel*. São Paulo: Cosac & Naify, 2008. 47 pp.

Eliana do Pilar ROCHA

Papai Noel foi enforcado ontem à tarde nas grades da Catedral de Dijon e queimado publicamente em seu átrio. Essa execução espetacular se realizou na presença de várias centenas de internos de orfanatos. Ela contou com o aval do clero, que condenara Papai Noel como usurpador e herege. Ele foi acusado de paganizar a festa de Natal e de se instalar como um intruso, ocupando um espaço cada vez maior (Lévi-Strauss 2008, p.6-7).

Através da análise da insurgência católica contra a figura do Papai Noel, acusado de desviar o sentido cristão do Natal, cujo ato derradeiro foi assistido com aprovação comedida pela Igreja Protestante e alvo de diferentes manifestações da opinião pública às vésperas do Natal de 1951, Lévi-Strauss percebe que tanto a repercussão da manifestação quanto o divórcio que se seguiu entre opiniões, acabara por desfocar o verdadeiro sentido da questão que se coloca, pois “não se trata de justificar as razões pelas quais as crianças gostam de Papai Noel, e sim as razões pelas quais os adultos o criaram” (p.10).

Este texto, escrito num período de reestruturação econômica francesa do pós-guerra, num cenário marcado fortemente pelo prestígio econômico e bélico dos Estados Unidos, e lançado em homenagem aos cem anos de vida do autor, transporta o leitor a um panorama francês de dimensão até então desconhecida tanto em sua forma como em sua importância: a introdução de novos hábitos natalinos como a distribuição de cartões e presentes, a montagem de árvores iluminadas e campanhas de arrecadação de donativos pelo Exército da Salvação.

Inspirado pela idéia de que a vida cultural não é explicável em termos da natureza intrínseca dos fenômenos, nem tampouco empiricamente por fatos condenados a falarem por si mesmos, o autor transita pelo sentido antinômico do pesquisador-nativo, que se vê, por um lado, cercado de mudanças que oferecem a possibilidade de observar – e analisar – o crescimento e a difusão de costumes e crenças em sua própria sociedade, e, por outro lado, cerceado pela extrema complexidade do estudo da transformação social da qual ele próprio é ator.

Buscando a análise da difusão destes novos costumes, a obra apresenta uma série de associações simplistas num primeiro momento, as quais no decorrer da leitura transformam-se numa seqüência de analogias estruturais que exprimem formas de pensamento e comportamento derivados das condições mais gerais da vida em sociedade.

Lévi-Strauss aponta que assim como a comemoração do Natal, a figura do Papai Noel resulta de um sincretismo permeado por diferentes deslocamentos míticos desde a Antiguidade, criado e mantido como divindade mediadora na relação entre a vida e a morte. Assim como em qualquer organização dual, a presença de um terceiro elemento é sempre necessária. Neste caso, a remissão por estar vivo “talvez feita não de modo tradicional de espíritos e fantasmas, e sim do medo de tudo que a morte representa, em si mesma e para a vida, em termos de empobrecimento, aridez e privação” (p.44).

Os símbolos experimentados no Natal, como a generosidade, a alteridade e os presentes são expressões desta permuta com o além, pois tanto para as crianças que os recebem como para os adultos que os oferecem, são originados por meio de uma troca com o outro mundo. Desse modo tanto a celebração, os enfeites e os preparos para o Natal como a figura do Papai Noel estão ligadas à nossa vontade de acreditar na vida. Não menos importante é o fato de Lévi-Strauss mostrar que, graças a esse holocausto natalino promovido pelo clero, vemos emergir a figura arquetípica do herói que nos redime em seu sacrifício.

Eliana do Pilar Rocha

Mestre em Antropologia Social pelo PPGAS – UFPR

Pesquisadora Associada da UFPR – Bolsista CNPq

ane@ufpr.br

erdemarch@yahoo.com.br

Recebido em 04/03/2009

Aceito para publicação em 30/03/2009